

PRELÚDIO

O QUE SIGNIFICA *REINVENTAR* A PSICANÁLISE? EM 9 DE JULHO DE 1978, ao encerrar o nono Congresso da École freudienne de Paris (EFP), as primeiras palavras de Jacques Lacan declaram que ali se representava “alguma coisa que equilibra a IPA” (Lacan, 1978: 219), a International Psychoanalytical Association, fundada por Sigmund Freud em 1910. Sob a tônica da transmissão da psicanálise, Lacan afirma que chegava a pensar que a psicanálise era intransmissível e que cada psicanalista deveria reinventá-la. Seria preciso até que o psicanalista fosse forçado, a partir do que conseguia retirar de sua própria análise, a reinventar o modo de manter a psicanálise viva.

Que limites, impasses e desafios éticos se impõem nessa tarefa? Como pensá-la mais além da prática analítica *stricto sensu*, isto é, do encontro entre analista e analisando, e das vicissitudes que os fundamentos da clínica psicanalítica têm vivido ao longo de sua história? De que modo considerar a transmissão da psicanálise à luz do que foi estabelecido por Lacan em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” como a experiência psicanalítica em sua intensão, isto é, o lugar privado e inventivo do divã, e de um lugar outro, o lugar público, o da psicanálise em extensão, definido na mesma ocasião como tudo o que resume a função de sua “Escola como presentificadora da psicanálise no mundo” (Lacan, 1967a | 2003: 251)?

Um dos começos desta investigação se situa em uma conferência que me impressionou e afetou sobremaneira. Tal acontecimento se deu no dia 31 de outubro de 2015, em Belém do Pará, Brasil, onde a psicanalista argentina Diana Silvia Rabinovich [1943–2021] e o psicanalista francês Alain Didier-Weill [1939–2018], recebidos como conferencistas no V Encontro

Nacional, v Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, conduziram momentos impactantes, ao compartilhar reflexões e questionamentos advindos de suas experiências clínicas e trajetórias – ambas indissociáveis do ensino de Lacan e de acontecimentos importantes, ou mesmo decisivos, na história do movimento psicanalítico e de sua expansão.

Com base em elaborações inéditas decorrentes de suas pesquisas sobre o supereu – uma das três instâncias nomeadas por Sigmund Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico, cuja função é assimilável à de um juiz ou censor junto ao eu –, Alain Didier-Weill expôs o que denomina de sutilezas relevantes para pensar a estrutura dessa instância psíquica e a transmissão do discurso psicanalítico. Siderante, conforme a opinião de vários ouvintes, seu testemunho narrava a progressiva emergência de um certo estado de espírito, cuja lógica inquisitorial passou a reger o discurso analítico em um dado momento em que participava do ensino ministrado no Departamento de Psicanálise da Universidade de Vincennes, hoje Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis.

Pontualmente, a lógica inquisitorial diz respeito ao pesadelo que emergiu no seio e em nome do cristianismo em 1232, quando um grupo de instituições interno ao sistema jurídico da Igreja Católica romana lançou éditos de perseguição, visando combater heresias, apostasias, blasfêmias, feitiçarias e todo tipo de costumes tidos como desviantes de sua doutrina. Desde os séculos iv e v d.c., ocorriam perseguições aos divergentes e inimigos d“A” verdade transmitida como absoluta pelo magistério, isto é, o papa e os bispos, representantes de Deus e supostos portadores exclusivos de tal mensagem, cujos pronunciamentos gozavam de infalibilidade. Além dos autos do chamado Santo Ofício da Inquisição, sabemos quantos tenebrosos capítulos de nossa história têm sido escritos sob a pena dessa férrea e irretorquível lógica que se arquiteta, essencialmente, pela radical incapacidade de acolher a diferença e a alteridade.

Sobre o que se passa na comunidade cristã, o teólogo excomungado, escritor, filósofo e professor universitário brasileiro Leonardo Boff, quando ainda lecionava a disciplina Ética e Teologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), apresentou uma edição brasileira do *Manual dos inquisidores*, escrito por Nicolau Eymerich em 1376 e revisto e ampliado por Francisco de la Peña em 1578, em que se pergunta como se passa dos sonhos originais da proposta cristã para o pesadelo da Inquisição. Ante o inquisidor, lembra Boff, não cabem dúvidas, indagações, questões e tentativas de resposta; diante da Igreja, que detém “o monopólio dos meios que

abrem o caminho para a eternidade [...], só existe um perigo fundamental: a heterodoxia, a heresia e o herege” (Boff, 1993: 10).

Tive a oportunidade de trabalhar na transcrição das duas conferências então proferidas por Didier-Weill, “Usos do supereu” e “Em face do supereu”, as quais se encontram publicadas na obra que reúne artigos originalmente apresentados no referido encontro (Levy & Dias, 2018). A partir de então, interrogações concernentes às dimensões histórica, política e institucional da comunidade psicanalítica me levaram a também querer saber, como indicado por Lacan na aula-testemunho “A excomunhão”, de *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, “o que nela pode mesmo fazer eco a uma prática religiosa” (Lacan, 1964 | 1985: 12). Ora, se considerado que, na perspectiva freudiana, o discurso analítico se estrutura de forma radical e absolutamente incompatível com o discurso religioso, incongruência mais espantosa poderia haver? A que custos a mensagem freudiana terá sido (e continua a ser, ao que parece) esquecida no próprio lugar onde se supunha sustentar sua transmissão?

Ao ponderar que a travessia teórica freudiana se realiza precisamente na direção de uma desconstrução da ilusão religiosa e sugerir a ideia de que a psicanálise é uma forma particular de operação com o campo do sentido oposta à da religião, o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge observa contraponto discursivo estruturalmente semelhante. Ele sublinha a extraordinária força de abertura do campo do sentido induzida pelo discurso místico, em contraste ao fechamento e ao dogmatismo ordinariamente presentes no pensamento religioso. Ressaltando o alcance que adquirem no ensino de Lacan a experiência de gozo, da qual dão notícias os místicos, e a poesia que dela se origina, articula: “como pode emergir no seio mesmo do discurso religioso a mais radical experiência de despertar transmissível pelo ato poético?” (Jorge, 2011: 158).

Na repercussão desse *insight*, àquela altura, formulei a seguinte questão: como pode emergir no seio mesmo do discurso psicanalítico um religioso? Ingênuo espanto. Um discreto desdobramento da questão permitia inclusive indagar por que consentir com a suposição de que o movimento psicanalítico estaria, em seu próprio meio, isento de incidências dogmáticas e aspirações ortodoxas – figuras da religiosidade, por assim dizer. Disso também decorre que uma disjunção estrutural e necessária se estabelece entre a psicanálise e o psicanalista. Em outras palavras, não é óbvio, ou dado, *a priori* que a presença de alguém que se declara psicanalista manifeste o inconsciente freudiano. Ao contrário, como indica Lacan ao pensar a presença do analista, valendo-se da articulação entre

os conceitos de transferência e pulsão, pode ser até que ela manifeste, em certos momentos e em certos encontros, uma “recusa do inconsciente” (Lacan, 1964 | 1985: 121).

Por ocasião da admissão no curso de doutorado que realizei e há pouco concluí no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA) da Uerj, apresentei um anteprojeto cujo ponto de partida buscava contemplar essas reflexões. Embora não explicitamente, as ponderações de Alain Didier-Weill concernentes à formação do psicanalista, ao ensino e à transmissão da psicanálise se constituíam como a principal referência de meu interesse de pesquisa. Esse fato foi observado pelo também professor Marco Antonio Coutinho Jorge, o qual, então membro da banca de entrevistas e seleção, com o texto da aluna em mãos, o reconheceu. Concordamos.

ANTESSALA

Minha trajetória de estudos acadêmicos e experiência profissional se iniciou no campo artístico musical. A tradição familiar cristã protestante e o curso de graduação em Música Sacra, bacharelado em Canto me conduziram ao trabalho formal de gestão da área musical de instituições religiosas cristãs. Embora esse percurso e formação sempre me tenham proporcionado experiências em territórios, atividades de canto, regência de grupos corais e acompanhamento ao piano em ambientes artísticos diversificados dentro e fora do campo religioso, houve, como que naturalmente, um sólido, e não menos espinhoso do que rico e iluminado, caminho construído nesse campo.

Em síntese, as funções desse ofício (ao qual também se costuma atribuir, naquele contexto, a dimensão de sacerdócio) envolvem a criação e a coordenação de celebrações litúrgicas, de projetos artísticos e de programas com foco na área de educação musical. Hoje, sabe-se que muitas instituições e muitos dos historicamente chamados “protestantes” deixaram de protestar. Felizmente, o caráter essencialmente humanitário que guiava valores e dinâmicas institucionais com que tive oportunidade de trabalhar permitia que o foco das atividades propostas se colocasse, em especial, nos aspectos inventivos das vivências e atuações musicais dos participantes.

Um contato preliminar com a teoria freudiana ocorreu enquanto realizava estudos da disciplina de História da Arte em outra graduação, a de licenciatura em Educação Artística/Música. Depois, o encontro com a psi-

canálise na graduação em Psicologia e nos estágios supervisionados em clínica psicanalítica veio iluminar questões que habitavam minha prática artística musical e despertar o desejo de dar continuidade a esses estudos em âmbito acadêmico. Junto com esse desejo de pesquisa, vieram, pois, os desejos de engajamento em um percurso de análise pessoal e em uma formação analítica propriamente dita. Em tal contexto, a realização de um curso de curta duração sobre as articulações entre a psicanálise e o pensamento trágico, e uma grata e breve participação como cantora e assistente de pesquisa em uma montagem de peça teatral, sob a direção do psicanalista Antonio Quinet, na Companhia de Teatro Inconsciente em Cena, contribuíram com a indicação de vias interessantes.

Vislumbrei a possibilidade de explorar, à luz das relações entre a psicanálise e a tragédia grega, aspectos teóricos e clínicos ligados à expressão artística musical, conforme pude esboçar, à época, em um anteprojeto de pesquisa para o curso de mestrado. Sob orientação da professora Marta Rezende Cardoso (UFRJ), concluí essa etapa com a apresentação da dissertação intitulada “O sensorial nos primórdios da vida psíquica: ‘testemunhos’ do encontro com o outro” (Nunes, 2012). Com base nas construções iniciais de Freud sobre a estruturação do aparelho psíquico, e de autores como René Roussillon, Donald Woods Winnicott, Didier Anzieu e Edith Lecourt, busquei, entre os temas abordados, destacar o papel da experiência rítmica nos processos de experimentação mais remotos da constituição subjetiva e demarcar o espaço sonoro como espaço psíquico originário.

A diferentes tempos e alguns passos de distância desses encaminhamentos, por assim dizer, iniciais, posso afirmar que a experiência com a pesquisa para o mestrado em Teoria Psicanalítica, não muito tempo após o término da graduação em Psicologia, foi bastante importante por diversos fatores, entre os quais mostrar que, diante da complexidade que o estudo da teoria e o exercício da clínica psicanalítica representam, havia muito o que caminhar. Mas, como já se sabe que acontece, a vida não espera. Com a aprovação em um concurso público, passei a ocupar, em 2009, o cargo de psicóloga na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Após um tempo atuando junto ao quadro de servidores técnico-administrativos da instituição, tornei-me membro integrante do Setor de Apoio Psicológico da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, onde chamava a atenção, sobretudo, a maior incidência de solicitações de atendimento e suporte psicoterapêutico partir de discentes dos cursos ligados às áreas de artes e de saúde.

Mais recentemente, na esteira de um convite realizado pela direção da Escola de Medicina e Cirurgia da universidade junto à coordenação de uma de suas unidades, o Núcleo de Assistência Psicopedagógica ao Estudante de Medicina, pelo qual responde uma das docentes da disciplina de Psiquiatria do curso, tenho trabalhado na estruturação de um espaço de escuta e acompanhamento individual dedicado exclusivamente aos acadêmicos dessa área. Até onde pude apurar, a construção e a manutenção desse espaço tem sido uma experiência inaugural para a Escola. Ocorre a mesma coisa comigo a respeito dessa aventura, que, a cada vez, tem-se revelado tão inusitada quanto gratificante. Não acidentalmente, em tempos de pacotes de mentoria e *coach* para a gestão da vida, além dos textos de Freud e Lacan, a leitura de Didier-Weill concernente à ética e à transmissão do discurso analítico tem servido de farol no exercício dessa função que também convida à escuta de experiências peculiares. Vale mencionar algumas.

No decorrer do curso de graduação, do encontro entre o universitário e a realidade acadêmico-institucional, reverbera o sofrimento psíquico do sujeito que se traduz, comumente, em termos de escolha profissional, expectativa de construção de carreira e pedidos de orientação vocacional. Perguntas como “De onde vim”, “Quem sou” e “Para onde vou?” se abrem para outras como “Para que vou?”, “Por quê?”, “Por quem?”, “Como vou?” e “Qual é o propósito da minha vocação?”

Na fala do sujeito em formação artística, algumas questões ganham contornos mais específicos: a luta travada com seu meio de expressão, ou seja, o próprio corpo, a voz, as ideias, a escrita, um instrumento musical; inibições, angústias e conflitos que acompanham processos e ato de criação; e a tarefa de constituir seu fazer artístico como um ofício e sua inscrição no campo social, com tudo aquilo que tal passagem ainda comporta de frustrações e adversidades para a maioria, especialmente em nosso país. Em muitos casos, a multiforme dimensão de precariedades das histórias de vida e das dificuldades vividas no palco cotidiano exigem mais, bem mais do que povoar um bastidor na cena subjetiva de cada um. Costuma-se dizer que a arte salva. Mas poderá o artista ser salvo por ela?

Da força do enorme investimento no estudo na fase do pré-vestibular e do entusiasmo no acesso à graduação, o sujeito em formação médica passa – muitas vezes, de súbito – ao desânimo e à desesperança diante das diversas e adversas exigências que se impõem durante a realização do curso universitário. Recentemente, como afirmou uma estudante, “os efeitos da pandemia da covid-19 na família, no corpo e na mente da gente só fizeram aparecer problemas que já estavam lá”. Certamente, não se fala

aqui de experiências exclusivas de uma formação médica. Mas, ali, aprender a aprender um ofício cujo suposto *know-how* encontra seus limites no enfrentamento cotidiano da realidade da morte, por exemplo, caminha ao lado da possibilidade de constituir a própria voz, inventando cada um seu modo de exercer a medicina apesar dela, se considerado que, enquanto “representante hodierno típico do discurso da ciência [...], o discurso médico prima por excluir a subjetividade tanto daquele que o enuncia como daquele que o escuta” (Jorge, 1983: 11).

Em tempo, e como que confirmando certa convergência entre os registros acadêmico e formativo psicanalítico, quase que sincronicamente ao percurso do doutorado, passei a integrar, como associada e analista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro, a coordenação de um seminário dedicado ao estudo de temas cruciais da psicanálise, junto aos psicanalistas Marco Antonio Coutinho Jorge e Denise Maurano. Tal atividade tem como núcleo temático a questão da formação do psicanalista e como referência central os escritos de Alain Didier-Weill. Coordeno também na mesma instituição, desde o ano de 2017, o seminário de estudos História do Movimento Psicanalítico. Entre outras, as oportunidades de intercâmbio que essas atividades propiciam têm produzido efeitos ímpares nas práticas a que me dedico.

Retomo essas notas (até mais extensamente do que pretendia) para assinalar de onde parte a rota que pretendo explorar neste livro. E não deve ser sem razão que a necessidade de situar pontos que marcam importantes atravessamentos institucionais, discursivos e analíticos se me impôs. Como já dito, escreve-se, em última instância, para si mesmo. Ou, ainda, “Escrever é uma necessidade”, como vez ou outra Marco Antonio Coutinho Jorge pontua. Pois bem, as questões formuladas até aqui colocaram-se como ponto de partida para os estudos que venho realizando e, como bem observado pelo mesmo psicanalista, que se tornou, por fim, o orientador de minha pesquisa, constituíram-se como antessala para o encontro – o reencontro – com o pensamento de Alain Didier-Weill.

Isso procede de tal modo, que, em dado momento, fui levada a ensaiar a construção de uma tese integralmente dedicada a investigar as contribuições de sua obra teórica e artística à psicanálise. Todavia, já investidos esforço e tempo consideráveis nessa direção, me dei conta, não sem algum pesar, de que a amplitude e a complexidade envolvidas em tal projeto inviabilizavam sua realização naquele momento de meu percurso. Valiosas, cirúrgicas e pertinentes observações trazidas pela banca no exame de qualificação do projeto realizado em junho de 2023 contribuíram

sobremaneira para isso e seguem ressoando para mim, pois indicam vias bastante interessantes para um trabalho futuro sobre a obra de Didier-Weill. Não obstante, como desdobramento do projeto de pesquisa, meu trabalho se construiu tendo em vista um olhar para a história da formação dos psicanalistas em sua relação com as formas institucionais que ela motiva e uma leitura introdutória das contribuições de Alain Didier-Weill à psicanálise. No passo em que estou agora – um súbito, imprevisto e surpreendente passo a mais –, o que foi uma tese de doutoramento se transformou na elaboração deste livro.

CONTINUA...